

EXPERIÊNCIAS DA ESCRITA DE SI NA ESCOLA



No quadro da sala 104 vi rabiscos. Palavras soltas, desenhos, códigos incompreensíveis para mim... O que será isso? Os escritos são de alunos dessa sala? (retirado do diário de pesquisa - 14/10/08)

Estamos tão acostumados com os quadros de comunicação da escola que não nos damos conta do conteúdo subjetivo que encontramos neles, entrecruzados com as tantas histórias e movimentos possíveis do currículo. Muitas vezes, passamos por eles sem perceber que escrevemos, apagamos, rabiscamos, colamos, dedicamos a alguém um pouco daquilo que nos acontece. No entanto, com um olhar mais atento, é possível captar escritas íntimas, denúncias, proposições de sujeitos que trazem consigo representações sobre si e, também, sociais.

Os quadros escolares foram e são um espaço privilegiado para brincadeiras e escritos dentre os quais muitos manifestam um

conteúdo subjetivo de inscrição no mundo. Percebo em muitas dessas expressões, uma escrita com assinatura própria, invisibilizada pelo currículo formal. Ela opera com elementos das relações entre alunos e deles com suas próprias redes de sujeitos, seus modos de expressar conhecimentos, sentimentos e mesmo valores, suas relações com os papéis sociais que lhes cabem na sociedade, entre outras coisas. A partir de qual momento podemos considerar que um inscrito torna-se uma escrita de si?

Acredito que há um movimento interior na escrita aventureira que se dissipa por entre os textos e imagens estampados nesses objetos. Algumas palavras são escolhidas para *infectar* o quadro com aquilo que pode ser um exercício do pensamento, a elaboração de si sobre uma dada experiência.

Certa vez, ao observar um quadro de fórmica preso à parede do corredor que levava à sala dos professores, li o seguinte texto: *"Apresentação de teatro... "Uma história recontada sobre a igreja do diabo, local, data. Os alunos do 2º ano (do Ensino Médio) convidam para uma cerimônia"*. Logo abaixo, havia outra letra, destacada de cor diferente, e com o seguinte texto: *O mal do diabo é acreditar que somos fiéis à Deus... Afinal, quem somos?*

Considerando que é impossível captar o real como tal, imaginemos que aqueles escritos representariam não somente um convite para uma peça teatral, mas um convite à leitura da vida, um momento singular de uma escrita pessoal. A pergunta no final do quadro - *Afinal, quem somos?* - me permite acreditar que essa escrita torna-se, no próprio escritor, um movimento de reconhecimento de si.

Por fim, concordo com Larrosa (1994:59) quando ele nos ensina que o *autoconhecimento requer uma certa exteriorização e objetivação da própria imagem, um algo exterior, convertido em*

objeto, na qual a pessoa possa se ver a si mesma. A experiência de si produz uma outra relação com o conhecimento e com os outros porque opera no sentido de passagem, entre o que acontece fora e o que nos acontece.

.....

Sobre o (a) autor (a):

√ Ângela Chades: Mestranda do ProPEd, atuando no grupo de Pesquisa "Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar", coordenado por Inês Barbosa de Oliveira.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- **LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35 – 86.**